CMP 2.2.3.210

OS ROMANCES DA RIQUEZA

II

OS KRUPPS

Quanto a estes, não se póde verdadeiramente falar numa familia. Trata-se de tres homens que se succedem, de pae a filho: o primeiro, Frederico Krupp, pesquisador, visionario infeliz, desprovido do senso dos negocios, deixa o embryão de uma empresa já fallida; o segundo, Alfredo Krupp, é o gigante, o constructor, o dominador do aço e da industria de guerra; o terceiro, Alfredo Frederico, doentio, é o herdeiro do throno que gosa os frutos da herança, abandonando a directores o governo de Essen, já agora inabalavel.

Toda a familia Krupp é Alfredo Krupp.

Póde-se remontar, de arvore genealogica em punho, até cerca do anno de 1600. E' um trabalho que realisou conscienciosamente Walter Berdrow, o biographo dos Krupps.

Seis ou sete gerações de pequenos commerciantes desse nome, possuindo solidissimas qualidades de trabalho e de economia, accumulam, na bacia de Essen, uma fortuna de 120.000 tallers.

Que, ao morrer uma avó, cáe nas jovens mãos de Frederico Krupp. Tempo de Napoleão; bloqueio continental.

Frederico tinha vinte e tres annos e aquella fortuna, nada desprezivel então, teria podido bastar-lhe para viver tranquilla e alegremente da renda.

Possuia umas vinte casas em Essen e, nos arredores, boas propriedades agricolas, algum dinheiro de contado: era emfim o mais rico da pequena cidade, que ao tempo não contava mais de tres ou quatro mil habitantes.

A vida de "junker", porém, não se adaptava ao seu espirito irrequieto. Cavalgou o ginete dos sonhos. A bacia do Rhur era toda ferro e carvão. Benjamin Huntsmann, um relojoeiro, já descobrira em 1740, na Inglaterra, o segredo de filtrar o aço, mas esse segredo era guardado ciosamente, em Sheffield.

As potencias continentaes, suffocadas pelo bloqueio napoleonico, tinham de adquirir todos os utensilios de aço, não só por preço elevadissimo, mas de contrabando. Situação industrial insustentavel. Vimos que a mesma estranha situação economica impellira Nathan, o gigante da casa Rothschild, a ir a Manchester, tanto para tentar adquirir fazendas por preços convenientes como para tentar a descoberta de segredos de fabricação.

Nesse caminho se poz Frederico Krupp. Em tentativas desesperadas, associando-se a inventores deshonestos que lhe vendiam patentes mais adequadas a filtrar o dinheiro alheio do que o aço, fundiu toda a fortuna que lhe deixara a avó e falleceu, amargurado, infeliz, com quarenta annos apenas, após uma série de insuccessos, deixando a familia endividada, ás portas da fome. Legava, porém, uma pequena fundição de oito fornos, "A boa esperança", e sete operarios, a um menino de quatorze annos: Alfredo Krupp.

Era o anno de 1826.

Os parentes tentaram afastar o rapaz da fundição. Nada, porém, conseguiu demovel-o do seu proposito. Nem a lembrança das muitas desillusões soffridas pelo pae, nem a verificação da absoluta falta de meios financeiros para levar avante o negocio. O menino era teimoso. De pouca instrucção, tinha carinho pela sua casinhola, talvez por ter ahi sempre trabalhado, e por sentir-se envaidecido com ser chamado "patrão".

Tinha pouquissimos conhecimentos technicos, igualmente pouquissima pratica e nenhuma noção de commercio.

Os operarios têm um salario irrisorio: um taller e alguns "groschen" por semana; mas mesmo esses 10 tallers escasseiam para os pagamentos do sabbado.

A avó abre-lhe algum credito; um tio trata da correspondencia.

E o menino tem coragem e trabalha por dez. Apesar disso, seis annos de trabalho o deixam quasi no mesmo ponto. Em 1832 "Die Gute Hoffnung" tem dez operarios e não passa de uma esperança apenas. O menino se fez homem, porém, e soube manter a sua posição. Conseguiu igualar o aço inglez, em finura e resistencia, pelo menos no que se refere aos cylindros de até 10 centimetros de diametro; fabrica cunhos para as casas da moeda, que os Estados adquirentes declaram melhores que os inglezes. O Zollverein, que supprime os direitos aduaneiros entre os diversos Estados allemães, alarga o seu campo de negocios. Em 1834, as officinas dão trabalho a 45 operarios, em 1836 a 80. A somma de negocios subiu a ... 30.000 tallers por anno e, embora por duas vezes o Estado prussiano lhe recuse uma subvenção, póde construir o seu primeiro martello mecanico, milagre da technica da época.

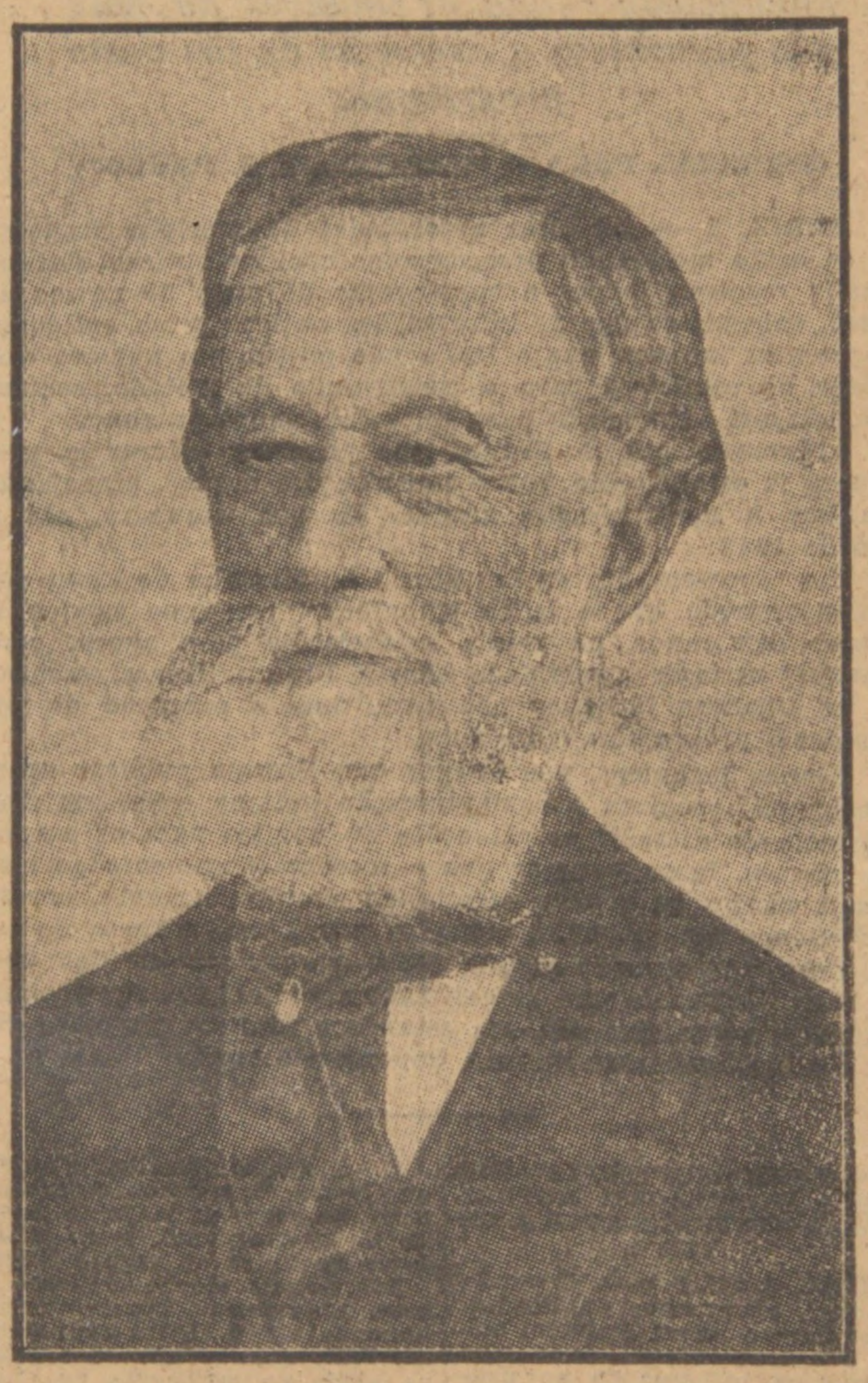
Nas mãos de um rapaz a Krupp readquiriu o credito e começa a ascensão.

Mas os negocios melhoram lentamente. A clientela prefere sempre os productos inglezes. E elle resolve uma viagem a Sheffield, para arrancar ao concorrente o formidavel segredo. Estuda o francez e o inglez, passa por Pariz, onde estabelece optimas relações commerciaes e desembarca na Inglaterra incognito, apresentando um cartão de visita em que o K allemão se tornou um C francez: Monsieur A. Crup.

Regressa com a descoberta do segredo, isto é, com a certeza de que segredo não existe. Os inglezes usam ferro sueco; elle tambem póde usal-o; mas quem disse que o ferro do Rhur é inferior?

Os methodos da tempera a oleo, agua e ar comprimido são os mesmos. Trabalham com cuidado, especialisando os operarios. Fará outro tanto.

Mas ao voltar á Allemanha — 1837 — explodira uma nova crise, identica á que arruinara o pae em 1820. Salva-se, reduzindo os operarios em Essen e transferindo-se por alguns annos para Vienna, onde por 25.000 florins installa o machinismo de uma casa da moeda e onde, associando-se a Bernodorf, fabrica talheres para o Oriente.



Alfredo Krupp

Os negocios são bons, mas os pagamentos atrasam. "Foi em Vienna, escreve mais tarde, nas suas memorias, que comecei a ficar com a barba branca".

Volta a Essen em 1840. As relações com a França estão tensas. O romantismo educa a mocidade para a guerra. Torna-se a cantar os cantos de Theodoro Koerner e a "Wacht am Rhein". A fabricação de armas constitue um optimo negocio.

E' por esse tempo que Krupp começa a fundir em aço os primeiros canos de fuzil e, de experiencia em experiencia continua, até poder, em 1847, construir o primeiro modelo de canhão de aço e applicar-se ao estudo da retrocarga e do obturador, que hão de revolucionar a artilharia.

Inicia-se entre o aço e o bronze a luta que ha de durar quarenta annos. Mesmo investigando nos archivos da casa Krupp, Berdrow não póde trazer muita luz á questão do patriotismo do rei do canhão.

Cerca de 1850, a fabrica Krupp já adquirira um desenvolvimento de grande usina moderna. Os operarios aproximam-se de um milheiro, as machinas se multiplicam e aperfeiçoam, a cidade começa a desenvolver-se em torno dos altos fornos. Krupp fabrica trilhos, rodas, eixos, armas, canhões. E' o triumphador de duas exposições, em Londres e em Pariz, com blocos de aço de 80 toneladas e com um canhão de aço de 20 toneladas. Mas acerca das suas relações com o "artilheiro no throno" como a si mesmo gostava de chamar-se Napoleão III, e com o general Leboeuf, director geral dos Serviços de Artilharia franceza, correram sempre varias versões. Krupp nunca fez fornecimentos á França, embora o seu representante em Pariz, Hass, submettesse á apreciação do Imperador todos os modelos, solicitando encommendas, e convidasse officiaes do estado maior francez para assistir a experiencias. Os herdeiros de Krupp sempre sustentaram que, embora quizesse approvações e honorificencias, não insistia muito nos seus offerecimentos, justamente para não concluir negocios. As más linguas dizem que talvez o chauvinismo francez e os interesses ligados a Creusot impedissem mais estreitas relações entre Essen e a Côrte de Napoleão, o pequeno.

Seja como fôr, negocios são negocios. Se Krupp não forneceu a Napoleão, forneceu á Russia, trabalhando tambem de accôrdo com a Poutiloff, e a Inglaterra, por exemplo, que por patriotismo bradava que somente se abastecia com Armstrong, comprava de Krupp ás occultas e abundantemente.

Aliás, nem a propria Prussia favoreceu, de começo, a Krupp. Bismarck tinha muita sympathia pelo velho Alfredo, mas Roon, ministro da guerra, foi até o fim um retrogrado defensor do bronze e muitas vezes ameaçou Krupp de servir-se da Armstrong. Na guerra de 1866, porém, todos os canhões que troaram em Sadowa, tanto do lado austriaco, como do allemão, eram de Krupp.

A França, ao contrario, aventurou-se á guerra de 70-71 com uma lamentavel inferioridade de artilharia.

Em 1868, o principe Jeronymo Napoleão visitara Essen. Alfredo Krupp, embora avisado com antecedencia, estava ausente, a negocios, e parece que os directores não receberam s. a. imperial com sufficiente humildade e fausto. As relações entre Krupp e os Bonaparte romperam-se para sempre e em Sédan 400 boccas de fogo de Krupp queimaram literalmente os sessenta mil heroicos cavalleiros de Margueritte, sepultando o segundo imperio.

Depois do 70, Alfredo Krupp tornara-se o armeiro do mundo. A sua pequena aldeia transformara-se, pouco a pouco, numa grande cidade; as suas fundições não tinham rivaes na Europa e somente foram sobrepujadas pelo inferno monstruoso de Pittsburg.

Mas Alfredo Krupp estava gasto.

Enfraquecendo-se, construira, porém, caso unico no mundo, um organismo que ficava "todo seu e que caminhava por si".

Tinha, de commum com Henry Ford, odio aos banqueiros e ás sociedades por acções. Frequentemente repetia: "Todas as vezes que ouço falar em sociedade por acções fico desconfiado; parece-me sempre que, no fundo, deve haver alguma maroteira". Ampliava somente com os lucros, raramente recorrendo a emprestimos, pagando em prazos curtos. E no entanto comprava, comprava, agigantava-se, agigantava-se. Assenhoreava-se das minas de Stein, dos poços de Hannover, dos de Eupel, dos das regiões de Lahn e de Sieg e até da bacia de Bilbao, na Hespanha. Queria trabalhar com o "seu" ferro, com o "seu" carvão. Comprava dezenas de patentes por anno. Só a dos altos fornos electricos Siemens Martin lhe custou um patrimonio.

A sua riqueza era Essen, que lhe pertencia toda e cujo valor era incalculavel.

Pessoalmente, em 1880, pagava impostos por um patrimonio de 88 milhões de marcos: uma brincadeira, como se vê.

Teve uma velhice de rei Lear. A mulher, vinte e cinco annos mais moça do que elle, de origem humilde, fugiu, para escapar aos seus maus humores, e á procura do amor.

No fausto da Villa Hulgem, que parecia o palacio de um rei, tendo fallecido o irmão Hermann, que o ajudara um pouco, vivendo sempre nos sanatorios o unico filho doentio, vagueou só, por uma dezena de annos, erecto ainda no porte, mas scismando. Desenhava projectos malucos, de dois canhões oppostos pela culatra, que atirassem contemporaneamente para neutralisar o recuo.

Mas Essen, repetimos, já era como uma clepsydra, que andava sempre, mesmo sem mão que lhe desse corda. Um directorio de especialistas substitula o velho gasto. As mais altas intelligencias da engenharia, da chimica, da balistica, da finança, concorriam a Essen, cresciam em Essen, sentiam-se lisongeadas de trabalhar para Krupp.

Falleceu aos oitenta e quatro annos, em 1887, e Guilherme II, num branco manto de Lohengrin, acompanhou á ultima morada aquelle que construira a potencia da Allemanha.

Alfredo Krupp tinha uma physionomia de asceta do seculo XII. Falta-lhe a "machoire de carnassier" que é, segundo Mirbeau, a caracteristica do constructor de milhões. Toda a vontade reside na testa, ampla, alta, serena, de dominador. As innumeras rugas ao canto dos olhos, os pés de gallinha, de cem sulcos, lembram o cerrar das palpebras para furtar a pupilla ao fulgor offuscante dos golfões de aço fundido. Os labios são subtis, aquelle corte malicioso e ironico, que difficilmente se descobre entre os verdadeiros teutões e que é mais dos anglo-saxões: do humour, não do "galgenhumour". Era alto, magro, desengonçado. A barba caprina e os cabellos brancos davam-lhe o aspecto de um velho lobo do mar. Sempre vestido de preto, com as botas reúnas, inteiriças, eternamente enfaixado o pescoço no gravatão "quarenta e oito", tinha certa majestade patriarchal. Dizem que sabia ser gracioso e diplomata, quando preciso.

Mas devia tratar-se da graça do urso que dansa. Por que, até 1900, os allemães ignoravam absolutamente a elegancia do traje e da palavra. Não tinham a tradição franceza do "chic", nem a ingleza do "dandyismo". Trabalho duro, simplicidade e algum residuo barbaro: usavam como pingentes á corrente do relogio os dentes dos mortos da familia, dos paes, das mulheres fallecidas. Deutsche Treue, Deutsche Einfacheit! Se tivessem aggredido o mundo vinte annos antes, teel-o-iam talvez conquistado. Por volta de 1900 começaram por sua vez a vestir-se á moda, a comprar em prestações. Mas Alfredo Krupp já era morto.

Morrera com os outros da grande geração. Com Roon, Bismarck, Moltke. Com Liszt, Wagner, Brahms. Com Schopenhauer, Hegel, Marx, Nietzsche. Com Diez, Mommsen, Gregorovius. Com Brucke, Moleschott, Haeckel. Com Lembach, Boecklyn, Menzel.

Morrera com a pleiade dos titans, passara com a cavalgada dos super-homens que haviam fundido o imperio num immenso bloco de aço incandescente e desmorteado o mundo com os esplendores de um ultimo Renascimento, dando-lhe uma nova philosophia e uma nova musica, uma nova architectura e uma nova historia, uma nova sciencia e uma nova sciencia da revolução. Ficava a cidade do seu genio.

O herdeiro passou pela villa Hueg como um espectro. Frederico Alfredo Krupp tinha de passar as horas deitado de bruços e os cortezãos da casa Krupp jogavam com elle ás cartas na mesma posição. Succedeu-lhe no reinado uma mulher, Bertha, que desposou um dos directores, von Bohlen. A cidade vivia.

Menos de vinte annos após a morte do seu criador, illuminou-se de uma tragica luz de cataclysma e durante quasi um lustro manteve á distancia o mundo.

"Die grosse Bertha" bombardeava Pariz a cincoenta e quatro kilometros e ainda desta vez a fraqueza dos inimigos da Allemanha foi apenas "inferioridade de artilharia". Quem batia o mundo por quatro annos era ainda o nome de Krupp.

E o mundo vingou-se.

Pelo tratado de Versalhes, Essen era destruida.

Condemnavam-se 9.300 machinas, 800.000 utensilios, abatiam-se 379 repartições.

E, no entanto, a casa Krupp tambem venceu a inflação e se reergue lentamente na industria da paz.

Dez mil operarios hoje alli trabalham novamente.

S. Paulo, Maio de 1930.

Mario Mariani